REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

A NOVA EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE CAMPINAS (BRAZIL)

SUMMARIO

TEXTO. — *Chronica* por Casimiro Dantas.— *Aves e Almas* (de V. Hugo), versos, por Alfredo de Castellões. — *A expulsão dos jesuitas na India*, por Pinheiro Chagas. — *Intermezzo lyrico* (Heine), versos, por Joaquim de Araujo.—*Dona Eleuteria*, conto, por L. A. Palmeirim.—*Typos lisbonenses: Retratos á penna*, por D. Guiomar Torrezão.—*Ao Sol*, soneto, por Sousa Viterbo. —*As nossas gravuras*.—*Em familia* (Passatempos).—*Sursum Corda*, versos, por Eça de Almeida.—*A musica em Portugal*, por Magalhães Fonseca.—*Um conselho por semana* —*A rir*

GRAVURAS. — *A nova egreja matriz da cidade de Campinas* (Brazil) —*Luiz XIV e a Maintenon*. —*Entre flôres*.—*Um talento precoce*.—*Caçada aos veados*

CHRONICA

Lisboa, a semsaborona e insipida Lisboa, despicou-se d'esta vez.

Diziam por ahi uns aleivosos, linguas damnadas, que os alfacinhas, em materia de civilisação, não se avantajavam muito aos hottentotes. Motejava-se á socapa da depravação dos seus gostos. Havia risinhos de chacota para as suas festas aldeãs e primitivas, com areia encarnada a rôdo, pelo chão, e foguetes de tres respostas, á farta, pelo ar. Toda a gente se habituára a considerar o lisboeta como o producto d'um connubio monstruoso entre os naturaes de Chão de Maçãs e Freixo d'Espada á Cinta. Vendo-o correr desordenadamente para as touradas, acompanhar os cyrios á Outra-Banda, tomar a sério o Justino Soares, votar a mais supina indifferença aos assumptos d'interesse publico, decilitrar pelas Hortas, devorar, de fio a pavio, os annuncios do *Diario de Noticias*, e trautear as modinhas banaes das *Revistas do Anno*,

presumia-se que elle fosse insusceptivel de saber dois dedos de geographia colonial, de lêr por cima, e de sentir, lá dentro do peito, uns fremitos de patriotismo, que se traduzissem em festas imponentes, espontaneas, colossaes, sem areia encarnada, nem aspecto de cyrio, nem enthusiasmos postiços, de simples convenção, como os que se manifestaram pela gaiata Judic e pelo amphibio capitão Boyton, por muitos pantomimeiros mais ou menos artistas e por muitos artistas mais ou menos pantomimeiros, vistos n'esta boa cidade do patusco Ulysses.

Sabidas as contas, o alfacinha *soi-disant* indifferente ás grandes manifestações do genio, incapaz—segundo diziam—de qualquer iniciativa grandiosa, enervado pelas limonadas de cavallinho e pelo convivio das actrizes do Chalet da rua dos Condes, adormecido no regaço das hetairas baratas, com o espirito envenenado pelas emanações d'um meio social deleterio, soube d'esta vez alevantar-se até onde nunca subira, attingir alturas incommensuraveis que o collocam ao nivel da civilisação do seculo.

Se o escalavro que a Allemanha ha pouco nos fez, em terras do Congo, produzio este milagre, se os resultados da conferencia de Berlim tenderam a operar esta maravilha nunca vista, bemdito e louvado seja o calvo chanceller de ferro, que nos civilisou roubando-nos; *hip, hip, hurrah!* pelos allemães, que nos fizeram gente, em troca d'uns quantos hectares de terreno africano, arrebatados aos nossos dominios. Adquira eu a plena certeza de que o roubo do Zaire concorreu para illustrar o indigena nas coisas coloniaes, levando-o a pôr olhos attentos em tudo que respeita a questões ultramarinas, e pode o respeitavel Bismarck ficar convencido de que hei de rezar-lhe tres corôas, quando a morte vier dar em vaza barris com a sua cubiça desenfreada.

Mas, verdade, verdade, o nosso povo illustrou-se, de ha uns tempos para cá, nos assumptos coloniaes e geographicos. A rasão d'estes conhecimentos serodios não a sabemos nós ao certo, nem procuramos investigal-a. O que é facto é que a travessia gloriosissima de Capello e Ivens foi comprehendida por toda a gente menos dada a labores scientificos, desde o caixeiro de tenda até ao amanuense de secretaria. Ha um ou dois annos, encontrava-se quem não soubesse onde fica Alhos Vedros. Hoje, todos são capazes de dizer que os dois benemeritos exploradores recem-vindos fôram de Mossamedes a Quelimane; e não se limitam a dizel-o, e apontam-nos no mappa da Africa Austral a linha sinuosa e graciosissima que ambos percorreram valorosamente, e medem todos os perigos colossaes d'aquelle passeio de muitos mil kilometros por desertos e pantanos, e avaliam os resultados beneficos do gigantesco emprehendimento, e indicam-nos onde está Huilla, onde corre o Cubango, onde serpenteia o Zambeze, tendo a perfeita intuição dos esforços titanicos empregados por Capello para vencer impossiveis, dos prodigios de valor e intrepidez praticados por Ivens para poder dizer a Portugal, á Europa, ao mundo inteiro:—Cheguei, vi e venci!

Foi d'essa intuição que se geraram as imponentes manifestações do dia 16, no Tejo, no Arsenal da Marinha, nos Paços do Concelho, nos salões da Sociedade de geographia, nas ruas, nas praças, nos clubs, nos templos, nos palacios reaes e nas choupanas do pobre, em todos os cantos onde pulsa um coração portuguez, onde pode resoar a nota vibrante do patriotismo.

Alheio ao que os dois gloriosos officiaes haviam feito na sua longa peregrinação pelas regiões virgens da Africa, sem consciencia dos perigos por elles affrontados d'animo firme e sereno, ignorando a posição geographica dos pontos percorridos n'aquella carreira vertiginosa, em busca do ignoto, o nosso honrado povo não teria affluido, como um só homem, a acclamar nas ruas, de fronte descoberta e lagrimas de alegria a borbulharem-lhe dos olhos, os seus illustres compatriotas.

No enthusiasmo ardente da multidão festiva, que reflectia os enthusiasmos do paiz inteiro, palpitavam sentimentos profundamente arraigados. Aquillo que nós vimos não se finge, não se estuda. Para aquellas manifestações grandiosissimas, em que transparece a alma de um povo e o cunho de uma nacionalidade, não ha santo nem senha de convenção, a que se obedeça por mera condescendencia. Homenagens d'aquelle quilate só se prestam e consagram, quando existe, da parte de quem as tributa, a exacta comprehensão do valor manifestado pelos heroes que as inspiram. Acclamações como as ultimas a que assistimos, cheios de commoção e de orgulho, não se encommendam nem se preparam.

Se n'esta vida pode haver alegria completa, sem uma pequenina nuvem que lhe empane a limpidez, deve de ser assim a alegria hoje sentida por esses dois valentes, que synthetisam no seculo XIX as tradições dos navegadores de ha tres seculos. Nada lhes faltou no regresso do seu martyrologio pelos densos mattos africanos povoados de feras e de bandidos: nem a realeza, confundida com o povo, a enchel-os de distincções e de honrarias; nem os fremitos do enthusiasmo popular ultrapassando as raias do delirio; nem as homenagens unanimes da imprensa, do militarismo, das artes, do commercio, da burocracia, do clero e da nobreza; nem as flores desfolhadas sobre as suas bellas cabeças de heroes, por mãos elegantes e patricias; nem as congratulações do Senado, nem a menção honrosa do estylo nas paginas da Historia.

O que lhes escasseia, talvez, é o dinheiro, mas essa escassez andou sempre inherente, no nosso paiz, aos grandes genios. Já o famoso Epico morreu como se sabe, sem deixar dois maravedis com que se lhe comprasse a mortalha.

Receiosos estamos nós de que obriguem Capello e Ivens a pagar direitos de mercê pelas veneras offerecidas. Se tal succede, adeus economias realisadas em Africa, na ausencia dos *menús* caros e das estravagancias ruinosas; adeus jubilos provocados pela nobre acolhida do povo festivo! Ninguem vive de glorias, e um anno de soldo, pago pelos cofres da Armada, não chega para satisfazer integralmente a importancia dos direitos de uma gran-cruz de S. Thiago.

Que os poderes publicos attentem n'este nosso reparo, e que a imprevidencia dos governantes indigenas não arraste dois benemeritos exploradores á morte miseranda do grande cantor dos *Lusiadas*. Para isso, bem melhor lhes fôra acabar gloriosamente a existencia nos ignorados sertões africanos, onde, ao menos, se morre sem pagar a medico, á botica e ás emprezas funerarias.

Por emquanto, Capello e Ivens, arrastados no turbilhão das festas em sua honra, banquete aqui, discurso acolá, illuminações e enthusiasmo por toda a parte, não tiveram tempo para se lembrar de que eram pobres. O que já começam a perceber é que estão cansados, que os *Te-Deum*, as paradas escolares, os interrogatorios a que os condemnam, as recepções solemnes, os abraços, os espectaculos de gala, e as allocuções em estylo quinhentista do... sr. Rosa Araujo, constituem um martyrio bem maior que a travessia d'Angola a Moçambique, por terras nunca d'antes descobertas.

Não queiramos nós, agora, avultar a grandeza d'esse martyrio com demasias de prosa, depois de havermos collaborado para elle com um affectuoso *shake-hands* de velho amigo. Bem lhes basta o discurso do sr. presidente do municipio de Lisboa e a inferneira da banda dos pretos de S. Thomé.

CASIMIRO DANTAS.

AVES E ALMAS

(DE VICTOR HUGO)

A andorinha procura, ao vir da primavera,
A velha torre escura em que se abraça a hera,
E o muro abandonado entre ruinas, lá
Onde ninguem já vae e a vida ainda está;
A toutinegra busca, ó minha bem amada,
A arvore frondente e a sombra da ramada,
O musgo, ou o calor do tecto paternal
Que formam sobrepondo as folhas d'um rozal.
A avesinha assim faz. E nós um casto azylo
Buscamos, na cidade, em sitio mais tranquillo,
Onde escondido possa estar o nosso lar,
Rua em que é raro ver alguem alli passar;
Ou buscamos, na aldeia, o atalho do poeta;
Nos bosques, a clareira incognita e secreta
Onde o silencio abafa os eccos do rumor.

Esconde a ave o ninho, e nós o nosso amor.

S. Thiago—1885. ALVARO DE CASTELLÕES.

A EXPULSÃO DOS JEUSITAS NA INDIA

O estudo que fizemos no ultimo numero da *Illustração Portugueza* ácerca do abbade Faria, chamou a nossa attenção para as coisas indianas, e suscitou-nos a idéa de estudarmos alguns dos pontos menos conhecidos da historia da India, principalmente da historia da India no periodo da nossa e da sua decadencia. Essa conspiração de 1787, cuja repercussão em Lisboa obrigou o padre José Custodio de Faria a fugir para França, e deu assim a Alexandre Dumas um personagem de romance, foi um dos episodios mais curiosos d'essa historia ignorada; a expulsão dos jesuitas é outro episodio, tambem, não menos curioso.

Sabia o marquez de Pombal que os jesuitas dispunham na India de bastante força, e por isso tratou de proceder de fórma que a resistencia fosse completamente impossivel.

N'esse tempo, em que era completamente desconhecido qualquer systema telegraphico, era tambem absolutamente impossivel que chegasse á India uma noticia qualquer do que se passava na Europa, antes de lá chegar navio que a levasse; e o marquez de Pombal, que de nada se esquecia, apenas se representou a tragedia horrorosa de Belem, tratou de enviar para a India as ordens necessarias.

O navio que as levou era a nau *S. José*, commandada pelo capitão José Forte. As instrucções ordenavam-lhe que não communicasse absolutamente com pessoa alguma, sem ter mandado entregar ao vice-rei a correspondencia official. José Forte cumpriu tão estrictamente essas ordens que, tendo sido intimado pelo navio guarda-costas para chegar á falla, não obedeceu. O guarda-costas fez-lhe fogo, primeiro com polvora secca, e José Forte seguio sem fazer caso, o guarda-costas deu-lhe carga e atirou-lhe á bala, matou-lhe tres homens a bordo, sendo um d'elles o cirurgião e o outro o piloto, e, apesar de tudo isso, o commandante da nau *S. José* continuou a seguir, sem responder ao fogo que lhe faziam, sem dar explicações, até que fundeou, entregando ao *sandó* vigia a correspondencia official. Era assim que o grande ministro sabia fazer-se obedecer.

Imagine-se a impressão que produziriam em Goa todas estas singularidades. Correu logo a noticia de que o navio que chegára de Lisboa, fundeára sem communicar com pessoa alguma, apesar das intimações violentas do navio guarda-costas. Tudo isto inquietava os animos, e talvez os jesuitas suspeitassem que alguma coisa se tramava contra elles. Bem sabiam como o grande ministro os detestava, e mesmo na India já tinham tido provas da sua má vontade. Da mesma fórma que em Lisboa os jesuitas tinham sido expulsos do paiz antes de serem expulsos do reino, tambem na India a carta regia de 29 de março de 1758 prohibia aos jesuitas a entrada no palacio dos vice-reis, e privava-os de todas as incumbencias seculares de serviço do Estado, que até então lhe tinham sido confiadas.

Entretanto, a scena que se passava no palacio do vice-rei devia ser verdadeiramente dramatica. O vice-rei era Manoel Saldanha de Albuquerque, que fôra feito conde da Ega, ao partir para a India. Teria pouco mais ou menos cincoenta annos, e era da confiança do marquez de Pombal, que o mandára chamar á ilha da Madeira, que estava governando, para lhe confiar o governo da India, dando-lhe por essa occasião o titulo de vice-rei, o de conde, a alcaidaria-mór de Guimarães, e o cargo de conselheiro de Estado. Era homem, por conseguinte, com quem o marquez de Pombal podia contar completamente.

O conde saira de Lisboa a 1 de abril de 1858, antes, por conseguinte, de todos os graves acontecimentos, que tinham assignalado o fim d'esse anno e o principio do anno immediato. N'essa noite, verdadeiramente tragica, poude o conde da Ega tomar conhecimento, successivamente, do attentado contra a vida d'el-rei D. José, da prisão dos fidalgos, da punição cruelissima que a todos elles se infligio—a morte do duque de Aveiro, da marqueza de Tavora, e de todos os seus parentes e adherentes, o confisco dos bens de toda essa opulenta nobreza, a expulsão dos jesuitas e a prisão de muitos d'elles. De alguns dos fidalgos que tinham morrido no cadafalso de Belem, era talvez o conde de Ega amigo ou parente, e n'uma noite só poude o seu espirito sentir concentrado todo o horror, que Lisboa sentira espalhado por varios dias de suspeitas e de sobresalto.

Não tinha tempo comtudo para fazer muitas reflexões. Tratava-se de cumprir pontualmente as ordens que recebia e que lhe mandavam que fizesse conduzir ao reino presos todos os padres jesuitas que estivessem na India e especialmente em Goa, confiscando-lhes todos os bens, tomando posse de todos os seus collegios e residencias e arbitrando a cada padre jesuita, para seu sustento, um xerafim por dia.

O conde da Ega tomou todas as precauções, deu todas as ordens necessarias, e no dia seguinte, sem que se soubesse em Goa do que se tratava, appareceram cercados de tropa os collegios de S. Paulo Novo, e de S. Paulo Velho, do Bom Jesus, Santa Rosalia, Chorão, Rachol, hospital Real e todos os outros edificios em que havia jesuitas. Ao mesmo tempo o conde da Ega dirigia-se solemnemente ao palacio de Panelim, e arrancava das paredes, onde estavam figurando ao lado dos outros governadores, os retratos do marquez e da marqueza de Tavora. E, assim como em Cintra se arrancou do tecto da sala de armas o brazão dos Tavoras, ficando em seu logar um escudete negro e vazio, assim na galeria dos retratos dos vice-reis da India se conservam tambem vazios os logares onde os marquezes de Tavora deviam figurar. Nada esqueceu á vingança do marquez de Pombal, lembrando-se até d'essa antiga usança de se pintarem os retratos dos vice-reis da India para se conservarem n'uma galeria especial!

Esta ceremonia produziu viva sensação, porque os marquezes de Tavora tinham sido muito estimados na India, mas ninguem reagio, como ninguem reagio tambem quando 127 jesuitas foram presos para S. Paulo Novo e para Rachol; mas, sobre a cidade em estado de sitio, pairava a sombra do terror. Ninguem sabia o que esperava, porque o mysterio em que tudo se envolvera duplicava o susto e paralysava toda a resistencia. O marquez de Pombal sabia dirigir admiravelmente estes negocios.

Os jesuitas mudaram de carcere umas poucas de vezes até que embarcaram para a Europa no dia 19 de dezembro de 1760. As cautellas que se tomaram para o seu embarque foram ainda maiores.

O conde da Ega encarregou d'essa difficil missão o desembargador Luiz Botelho da Silva Valle. Junto á praia estavam dezeseis embar[illegible]es de remos, e em cada uma das embarcações estava um official militar. O desembargador chegara, e depois de distribuir os cento e vinte e sete padres pelas dezeseis embarcações, cobrava de cada um dos officiaes o respectivo recibo, depois as embarcações seguiram para a nau *Nossa Senhora da Conceição*, commandada pelo capitão de mar e guerra, Bernardo Carneiro da Alcaçova. Os officiaes entregavam então a este ultimo os seus prisioneiros e cobravam tambem recibo.

Assim se conseguiu metter a bordo sem perigo os jesuitas, que logo seguiram para o reino aonde chegaram a 2 de maio de 1761. Para Moçambique, Damão, Dio, e Macou se expediram ordens identicas; mas de Macau só em 1763 é que sairam os vinte e quatro jesuitas que foram mandados para o reino.

Os edificios pertencentes aos jesuitas tiveram diversos destinos. A maior parte foram entregues aos congregados de S. Filippe Nery.

Em tudo isto procedeu o conde da Ega, como se vê, do modo mais correcto possivel, e obedecendo escrupulosamente ás ordens; mas comtudo, quando chegou a Lisboa, depois de completar os cinco annos do seu governo, encontrou, ao entrar a barra, uma ordem de prisão contra elle e contra o desembargador Belchior José Vaz de Carvalho. Porcedeu-se tão severamente com o vice-rei, que estando elle ainda a bordo, lhe tiraram tudo o que tinha de valor, inclusivamente um annel e as fivellas dos sapatos. Resolveu-se que ficaria incommunicavel, e mandaram-n'o preso para a torre de Outão em Setubal. Pouco depois, porém, consentiu-se-lhe que recebesse sua mulher.

Dois annos e dezesete dias esteve preso na torre do Outão. Quando porém se viu que uma pertinaz ophtalmia ameaçava prival-o para sempre da vista, restituiram-n'o á liberdade, consentindo-lhe que se defendesse solto, mas pouco tempo gosou esta liberdade, porque morreu quasi cego em 1771. A sua viuva só em 1779 obteve uma sentença de rehabilitação.

Quaes eram as accusações que se vibravam contra o conde da Ega? Eram umas accusações vagas, formuladas em nada menos que 138 artigos. Prendiam com o sequestro dos bens dos jesuitas, mas parece realmente que o marquez Pombal se deixára levar d'essa vez por intrigas, e que elle, o grande inimigo dos jesuitas, fôra talvez, sem o saber, agente de alguma vingança jesuitica.

O que é certo é que o conde da Ega, que cumprira fielmen-

te as ordens do marquez de Pombal, padeceu tanto como os que lhe desobedeciam.

Os elementos de que me servi na elaboração d'este artigo encontram-se n'um livro, onde difficilmente se iriam procurar— no tomo III da *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, pelo sr. Teixeira de Aragão.

PINHEIRO CHAGAS.

INTERMEZZO LYRICO

(HEINE)

II

Nasce das minhas lagrimas sombrias
Uma copiosa multidão de *flores*:
Meus suspiros produzem harmonias
De rouxinoes cantando scismadores.

Eu deponho a teus pés as flores bellas,
E aos rouxinoes a musica divina
Hasde ouvil-a, debaixo das janellas,
Se o teu amor me illuminar, menina.

Porto-85. JOAQUIM DE ARAUJO.

DONA ELEUTERIA

Era filha de um mercador da rua Augusta, dos bons tempos em que os estrangeiros não queriam nada comnosco, e as freiras d'Evora, de Vizeu e do Campo Grande, davam vasão aos artefactos nacionaes. O homem era isto, a que em linguagem popular se chama «um pé de boi» afferrado ás usanças nacionaes. Jantava ao meio dia em ponto, ficava meia hora a palitar os dentes depois do jantar, e dormia a sesta. Trajava invariavelmente de briche em todas as estações, e de inverno agasalhava-se com um capote de camelão, forrado de castorina. Ao lusco-fusco ceiava o nosso homem. Eram pançadas de metter medo. O estomago não tem olhos, disia aos que lhe aconselhavam que não comesse á noite. Apenas se deitava, era pedra que cahia em poço; dormia até pela manhã, o bemaventurado! O sr. Manuel Pinhão, assim se chamava o mercador, gostava muito de tres unicas coisas: procissões, cavalinhos, e merendas nas hortas. Era miguelista, e embirrava com a imprensa, com o jury, e principalmente com os deputados, a quem chamava papagaios reaes.

Casára já tarde com uma mulher que parecia ser de lavar e durar, mas que ficara derreada aos primeiros safanões de umas maleitas mal curadas, e abalára cá d'este mundo ao dar á luz uma filha, que veio a ser a menina dos olhos do desamparado mercador.

Viuvo, sem parentes, nem ninguem que lhe fosse de obrigação, Manuel Pinhão andava embisoirado, e chegou-se a receiar no arruamento que o homem fosse parar ás palhas.

Dóze dobrada de merendas, e uns parceiros que se lhe offereceram para a manilha, salvaram-n'o das saudades que elle dizia o haviam levar á cóva. D'ahi por deante os seus cuidados foram a filha. Quero-a tão boa dona de casa como foi a mãe, o que não implica com as outras prendas proprias de uma menina. Ha de aprender as linguas, e saber onde estão as terras nos mappas, e tocar pianno, e tudo o mais que se ensina por esses collegios. E punha-se depois a devaneiar casamentos para a rapariga, sem se lembrar do proloquio, casamento e mortalha no Céo se talha.

Os parceiros da manilha diziam-lhe que sim, que devéra ser como elle pensava, por que eram tudo coisas de muito juiso. E o mercador arrotava, e puchava pelo relogio, e via com tristeza que ainda faltavam dez minutos para a ceia.

Aos quatorze annos estava D. Eleuteria (era esta a sua graça) internada n'um collegio de meninas, onde se aprendia tudo, menos aquillo que o pae desejava que ella soubesse. O francez de D. Eleuteria era um mixto de biscainho e de provençal. Emquanto o achar terras no mappa, como o pae pretendia, nada de novo. Um dia, este para a experimentar, disse á filha, apresentando-lhe um mappa da Allemanha: «Procura-me ahi a Alhandra».

E a filha muito lampeira e, senhora de si:

«—N'este mappa não vem, papá, por que a Alhandra não é *cabeça de casal.*»

E o pae, conformando-se com os conhecimentos geographicos da filha:

«—E eu julgando que *cabeça de casal* era outra coisa!»

E ambos ficavam de accordo nas respectivas asneiras, o pae e a filha.

Com respeito a tocar pianno, arreda! Eleuteria, estropeava com animo verdadeiramente senhoril, trechos da Norma e da Lucia. O pae, porém, lagrimejava ao ouvil-a, dizendo que se lembrava da mulher, que resmungava todas as musicas que as bandas militares tocavam ao render da guarda principal. Passaram-se mais tres annos. D. Eleuteria estava casadoira, mas o mercador pensava que ninguem lh'a merecia. A's vezes dizia elle aos parceiros da manilha:

«—Está uma mocetona chibante! E' a mãe, melhorada nos olhos, e na esperteza. E' um azougue!

E um dos parceiros, em tom piedoso:

—«Deus a fade para bem, coitadinha!»

E um outro parceiro, mais positivista:

—«Não a deixe sair da classe. Case-a com caixeiro do commercio.

E o pae, offendido com o conselho, respondia em nome do que elle suppunha a logica:

—«Caixeiro do commercio! Ella, a minha Eleuteria, que sabe o francez nas pontas dos dedos, e que toca melhor do que um realejo! Se Deus quizer he de casar de commendador para cima. Para bicho de balcão basto eu.

Emquanto esteve no collegio, não houve pouca vergonha que D. Eleuteria não lesse, incluindo *O homem dos tres calções*, e *O coitadinho!* Dava sota e az ás mais sabidas em artimanhas do sexo masculino.

O pae, porém, só tinha uma desconfiança da filha, e vinha a ser, achal-a innocente de mais para os dezenove annos, e acrescentava: «E' defeito de educação, porque a rapariga não tem a quem sair tôla.

E punha-se a fazer a chamada nominal de todos os parentes defunctos, seus e da mulher, e concluia, esfregando as mãos, que todos tinham sido muito espertos, excepto um, que fôra idiota de nascença.

Na intenção de arranjar marido para a filha, sahia todas as tardes com ella, e iam sentar-se no passeio publico, ao pé do lago. Ella levava sempre migalhinhas de bolaxa de araruta para dar aos peixes, a que o pae chamava boçalmente—philantropia!

Em volta do lago juntavam-se magotes de mirones, para ver a menina dos peixinhos, como lhe chamavam os janotas. Uma tarde um velhote poz-se embasbacado a olhar para ella Queria fallar, mas punha-se-lhe um nó na garganta, que o não deixava proferir palavra. Uma semana andou n'isto o homem, sem andar nem desandar. Até que emfim tomou o expediente, vulgar n'estes casos, de pôr o ramo n'uma parte, e de vender o vinho na outra. Foi sentar-se ao pé do mercador, e fallou assim:

—«Aquella menina, é sua filha?

—«Assim dizia a mãe, replicou o velho.

—«Não anda por ahi outra no Passeio, que lhe chegue aos calcanhares.

—«Não é feiota, não. O que ella tem é ser uma innocente. Não parece uma rapariga que entra pela geographia como por um portão aberto. Estou em dizer que ella ainda pensa que as creanças veem de França.

—«Ora essa!

—«Tem 19 annos, e é aquillo que vê. Os homens andam por ahi aos bandos, mas nada! Passa horas inteiras a pôr alcunhas aos peixes, a dar-lhe migalhas de bolaxa, a conhecel-os pelas côres... Não é d'estes tempos.

—«Quando Sua Magestade me honrou com a carta de conselho, morava eu. .

—«Peço perdão sr. conselheiro. Deixe-me chamar a pequena. O' Eleuteria...

—«Ahi vou, papá... deixe-me salvar um peixinho, que está aqui engasgado. Eu vou já.

—«Tem o coração de uma pomba, additou o mercador. Se o peixe se não desengasga, temos choradeira certa. O sr. conselheiro dizia...

—«Dizia eu, que estivera para casar com uma menina que era tal qual a senhora sua filha, menos os olhos, que não eram tão ramudos.

—«E depois?

—«Não me falle n'isso .. morreu de sarampo. Estive quasi a deixar-me ir atraz d'ella. Mas o tempo tudo cura.

—«Eu tambem, quando me morreu a minha Engracia, ia dando em parvo... mas puz-me a olhar para a pequena, que era o retrato d'ella, e sarei-me.

E os dois continuaram a desabafar as suas reciprocas saudades, e, como palavra pucha palavra, puzeram ambos as suas vidas em pratos limpos, dando o conselheiro a entender que gostava da pequena.

N'isto chegava ella aos saltinhos, olho n'um alferes, olho n'um amanuense, olho em tudo que lhe cheirava a homem.

—«Então que quer o papá?

—«Queria-te dizer aqui á puridade, que o sr. conselheiro embeiçou comtigo, e ..

—«Embeiçou! Ora o papá sempre tem palavras!...

—«Então que queres tu, rapariga? Quem não sabe das syntaxes, nem das prosodias, sempre hade dizer alguma palavra fóra do seu logar. Se não embeiçou... dá o cavaco por ti.

—«O cavaco! Ora valha-o Deus, papá! Sympathisa commigo, pois não é?

LUIZ XIV E A MAINTENON

— «Pois seja; tirante a palavra, para que me me não chega a lingua. O sr. conselheiro já me contou a sua vida. E' um homem serio. Se todos fossem com elle não tinha vindo a constituição a Portugal, essa te juro eu.

— «São favores, que eu não mereço. Como se chama V. S.ª?

N'isto, a Eleuteria que sabia que a excellencia andava a rôdo, fez uma careta significativa, e disse em tom que queria atirar para infantil:

—«Na cinta do jornal a *Nação*, que vem para o papá, aquelles senhores dão-lhe sempre excellencia, pois não dão papásinho?

—«Pois sim, pois sim, tiraremos isso a limpo pelo caminho, que a tarde vae refrescando de mais.

E sairam, seguidos os tres de um grande magote de rapazes, um dos quaes ia mostrando uma carta a Eleuteria, e ella abanando a cabeça, como quem lhe dizia que sim.

Passados seis mezes e doze dias, estava casado o conselheiro, mas com uma cara que era quasi uma certidão d'obito. Os vicios burocraticos que contrahira durante trinta annos de bom e effectivo serviço, foram a sua desgraça domestica. O tom auctoritario com que fallava, fez com que a mulher viesse a embirrar com elle. Quantas phrases feitas de estylo official o conselheiro se apropriára á força de redigir alvarás, decretos e portarias, quantas elle inscientemente applicava em casa, a proposito fosse de que fosse.

Desde o altivo «Tendo-me sido presente», dos decretos; até aos sophisticos *considerandos* das portarias, o conselheiro tudo applicava em domicilio, a proposito do rol da roupa suja, ou da revisão da conta corrente com o sapateiro. A D. Eleuteria ria-se, quando o marido casualmente fallava em qualquer negocio que lhe sahia direito, *pela graça de Deus*, e perguntava-lhe zombeteira se, pela graça de Deus, os seus dominios se alargavam á Ethiopia, Arabia, Persia e Navegação, alludindo aos titulos dos reis de Portugal, que ella lêra no Almanach de Lembranças. Isto, e o pintalegrete do rapasola da cartinha que não largava D. Eleuteria, a fazer-lhe fosquinhas pelas ruas, e a mostrar-lhe um revolver, com que se havia suicidar, dizia; tudo contribuia para aguar as delicias da carta de conselho, de que o marido se ufanava como de coisa com algum prestimo.

E' escusado dizer que o mercador não dava por coisa alguma, e se por accaso ouvia altercação entre a filha e o genro, dizia lá com os seus botões: «Aquillo foi sinca que elle deu na grammatica, e como a rapariga lhe foi á mão, desabafa, berrando.» D'ahi ninguem o tirava.

Passados dois annos, lia-se nos jornaes da noite: «Falleceu esta madrugada o conselheiro Miranda Funccionario integerrimo e esclarecido, deixa fundas saudades aos seus amigos. Os nossos pesames a sua ex.ᵐᵃ esposa.»

No proprio dia do funeral, estivera D. Eleuteria toda a manhã ensinando um papagaio a dizer—Fernando!

Rei morto, rei posto, diz, e confirma a historia. D. Eleuteria era dotada de uma grande velhacaria, conhecia a responsabilidade da viuvez, e procurava editor sobre quem recaissem as perdas e damnos das suas possiveis volubilidades. O acaso deparou-lh'o na pessoa do sr Francisco de Paula de Castro e Froes, afóra mais cinco appellidos que só punha em circulação em papeis de caracter official, e que precisassem reconhecimento de tabellião. Era pichoso em questões de fidalguia, e contava que um avô lhe morrera em Aljubarrota, outro em Alcacerquibir, e ainda um terceiro em Montes Claros. Tinha deixado os avós semeados pelos campos de batalha, reservando para si a tranquilidade dos direitos adquiridos.

Deixando-se escorregar sem protesto pelas ordens do dia do exercito, chegára sem protesto a general de divisão reformado! Ornava-lhe a farda um solitario habito d'Aviz, e a medalha de prata de comportamento exemplar. Bem acceite na sociedade, o general Francisco Froes tinha o physico da classe, a que nominalmente pertencia. Alto, esbelto, olhos rasgados, nariz aquilino, e cabellos alvissimos, que eram como fios de seda, tal era por fóra o general Francisco Froes. Uns enormes bigodes completavam a sua marcial figura.

Por dentro o general era coisa muito differente. Gostava de lêr, mas não entendia o que lia Todo o seu peculio litterario consistia no conhecimento do poema da *Arte da guerra*, de Frederico II, traduzido pelo coronel Pedagache; na leitura de tres volumes truncados da *Historia do Consulado e do Imperio*, e n'uma digestão imperfeita da *Historia de Carlos XII*, por Voltaire, e mais nada

Dado em rapaz a aventuras amorosas, a velhice entrára com elle sem o corrigir. A viuva do conselheiro, ainda fresca, palida, romantica, fizera-lhe arfar no peito o coração, de camaradagem com o habito d'Aviz. Escreveu uma carta a D Eleuteria, sem orthographia, mas com um grande arreganho militar, offerecendo-lhe o generalato em troca do seu affecto.

A viuva do conselheiro, vendo em prespectiva o subir de posto, passando a segundas nupcias, deu sem constrangimento o sim, e passados tempos todos a conheciam pela generala, com grande gaudio d'ella, e do marido, que tenciona fechar a sua carreira militar com aquella conquista feita, dizia elle com paparrotice, segundo todos os preceitos do Grande Frederico.

Favorecidos de bens de fortuna, entenderam os conjuges que deviam dar reuniões semanaes, e dois bailes rasgados nos respectivos anniversarios natalicios Combinadas assim as coisas, abriu o general as suas salas pela primeira vez, no anniversario da batalha d'Almoster, a que não assistira. D. Eleuteria, informada pelo marido do assumpto da festa, vestiu-se patrioticamente de azul e branco, e pôz ao peito um pequeno ramo de perpetuas. O retrato de D. Pedro IV, que estava no logar d'honra do salão nobre, foi tambem engrinaldado a capricho, por industria do armador da freguezia, homem geitoso para improvisos da especialidade.

O general andava radiante, chamando seus velhos companheiros d'armas a toda a gente, incluindo, por engano na designação, dois anafados conegos da Sé Patriarchal. N'este intervallo D. Eleuteria andava de mão em mão. Ora walsava com um aspirante da administração militar, ora polkava com um alferes de lanceiros, ora se requebrava toda, dançando contradanças com um poeta realista, que já escrevera uma ode intitulada: «Chris.o-Homem» e um punhado de alexandrinos contra o celibato catholico.

O poeta tinha duas grandes paixões—as mulheres, e o cognac.

A primeira, que era invencivel, applicava elle no momento a D. Eleuteria, dizendo-lhe cruezas de phrases que era de dever ficar sem orelhas, se a musa o denunciasse ao carrasco. Ella, porém, contentava-se em dizer, abanando-se requebradamente, como uma Odalisca:

—«Em uma pobre mulher danda ouvidos a um senhor poeta, nunca mais deixa de andar nas boccas do mundo. E puchando pela sua erudição de ouvido, accrescentava:

—«Ora veja lá o que succedeu a Natercia! Camões tanto badalou... tanto badalou...

—«Sim, mas Natercia...

—«Se a Natercia lhe não faz conta, lembre-se de Marilia. O que o Gonzaga disse d'ella, não é de um homem de bem...

—«Sim, mas a Marilia...

—«Pois se ainda não quer a Marilia, diga-me se o que Bocage escreveu...

—«Esse foi de todas, minha senhora, atalhou o poeta.

—«E o senhor, contando commigo, a quantas tem dito o mesmo?

—«O que eu quero dizer a v. ex.ª nunca o disse a mais nenhuma. E se quizesse fazer-me a fineza de ler este pap l...

—«Uma carta?!

—«Não, minha senhora, uma poesia.

—«Ainda assim, não sei se deva...

—«Como v. ex.ª sabe, poesias fazem-se aos astros, ás flores, ás aves que voam nos ares, e tambem ás vezes aos anjos... que andam na terra.

E passou-lhe surrateiramente um papel côr de rosa, almiscarado, encimado com o monogramma de Fernando de Oliveira, o mesmo sujeito de quem ella ensinára o papagaio a dizer o nome.

Um verdadeiro escandalo. Ou antes um *cumulo*, como hoje dizem os jornalistas, a torto e a direito.

Recebida a poesia, D. Eleuteria foi correndo a um gabinete proximo, abrio o papel, e leu sobresaltada: Ximeras!

E voltou para a sala do baile, repetindo baixinho: «Ximeras!»—o que quererá elle dizer na sua?

Reparemos quanto antes a bernardice de D. Eleuteria. O poeta escrevera «Chimeras» e se asneára, como adiante veremos que asneou, fôra no fundo e não na fórma.

O baile continuava animado. Uma amiga de collegio de D. Eleuteria, e que era casada com um simples quartel-mestre de infanteria, disse-lhe:

—«Nasceste debaixo de boa estrella.

E sem ninguem lh'o perguntar, accrescentou:

—«O meu homem é aquillo que tu vês... Um mônol... Anda de pé por vêr andar os mais. Por isso nunca passou da cêpa torta! Quartel-mestre, e disse.

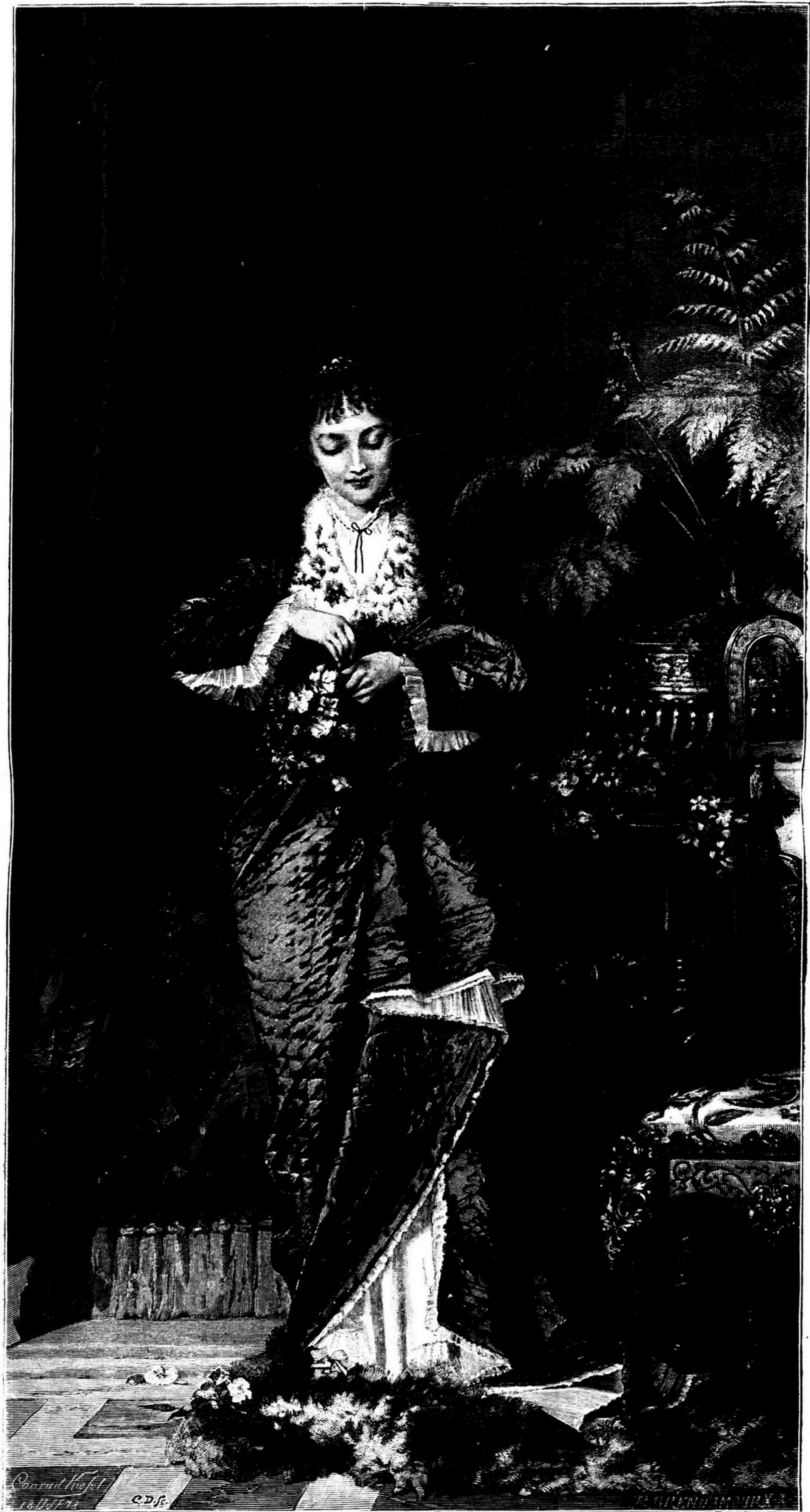
—«Pois o meu se andou, foi porque o levaram ao collo, que elle lá de si é todo bigodes... e mais nada.

E separaram-se. A mulher do quartel mestre agarrada ao braço de um amanuense dos caminhos de ferro, e D. Eleuteria correndo para se ir encostar ao hombro do general, que estava jogando o wisth, a quem dizia toda espevitada:

—«Este rober valeu bem a batalha d'Almoster. Pois não valeu sr. commendador?»

—«V. ex.ª que o diz, é porque assim é. Respondeu resignadamente a victima, pagando, e levantando-se da meza do jogo.

Apenas terminou o baile, o general foi direitinho metter-se na cama, e a mulher disfarçadamente ao seu escriptorio, aonde se fechou para ler a poesia de Fernando de Oliveira, a quem outros poetas, mais tolos do que elle, chamavam o Alfredo de Musset da geração nova, e que para o imitar em tudo tomava grandes bebedeiras de absyntho puro.

A poesia do rapaz era um convite ao adulterio, com grandes empurrões dados em toda a cleresia, e vôos rasgados pelo azul do despauterio. Rezava assim:

ENTRE FLORES

CHIMERAS

São chimeras, mulher, essas algemas
A que um padre boçal deu a sancção;
Vê tu os animaes... que problemas
Não resolve dos brutos a licção!

Invoca a natureza, a grande Mestra,
Que é só quem nos ensina a ter amor;
O que diz em latim um lôrpa, um padre,
Não tem rasão de ser... Cheira a bolor.

Houve um tempo—passou—que a sociedade
Era escrava d'um livro, d'um missal!
Agora, felizmente, a humanidade
Fez da pura Rasão seu Ideal.

E o que dizia a Rasão? Que o casamento
Só na feira da ladra tem valor;
Que o velho bric-à-brac pulvurento
Além de bestial, é semsabor.

Para te amar deveras não preciso
Nem sachristão, nem padre, nem, emfim,
Quem venha abrir-me as portas do Paraiso
Com estolas, hyssopes, e latim!

—«Vem elle a dizer na cantiga, que uma pessoa póde ser casada, sem ser casada, tal qual como os animaes! Pois sim senhor, é bem lembrada. Abrir-lhe as portas do paraiso, diz elle. Que coisa tão bonita!

E receiando demorar-se, resolveu ir deitar-se, apesar de levar o sangue alvoroçado, e os miolos em destillação. Quando entrou no quarto, o general dormia sobre os louros da victoria de Almoster, mas um dormir sobresaltado, entremeado com vozes de commando, rufos de tambor, estampidos de peças de artilheria. Uma farçada nocturna!

D. Eleuteria entrou no quarto pé ante pé, e deitou-se repetindo dengosa:

—«Diz elle que lhe abri as portas do Paraiso! E hei de eu desmentir um amor que se acolhe crente á sombra, como elle affirma, da *madre natureza?*

E tirando o ultimo gancho que ainda lhe prendia a farta trança de uns magnificos cabellos, d'ahi a pouco dormia tambem, sonhando com a cartilha, que onde em creança soletrára—Fernando!

O resultado da poesia dissolvente do poetastro foi, este julgar-se autorisado a vestir o chambre do general na ausencia do proprietario, e a calçar-lhe as chinelas de marroquim vermelho, que o dono encontrava sempre de chanqueta quando voltava, sem atinar com a rasão.

Assim passaram annos. O general presidindo, para se destrair, a commissões de remonta e a conselhos de guerra; D. Eleuteria a ler as vidas das mulheres desaustinadas da revolução franceza; o Fernando a escrever versos desembolados, que elle dizia, e mais ninguem repetia, serem da escola de Victor Hugo, enjoando-se quando algum critico de meia tigella affirmava que deitavam mais para os positivismos de Musset, do que para os idealismos do autor dos *Raios e Sombras* e das *Orientaes.*

A minha opinião individual, que não dou por segura, é que o poeta era uma especie de minotauro, de delineamentos confusos, tendo como feição principal as saliencias com que marrava no proximo.

O mercador teimava ainda em viver quando a filha andava á com o coração á tuna. Para lhe não ficar atraz promovera a criada a dona da casa, enfeitando-a com muitos cordões de oiro, e um relogio de repetição, que pertencera a sua defuncta mulher!

A brincadeira predilecta de Josepha era dar beliscões no velho, e fugir, para elle a não apanhar. A d'elle, quando raras vezes conseguia deitar-lhe a unha, era dar-lhe açoites *realistas*, e cair para o lado com um ataque de tosse de rebentar!

Por estas e outras é que a gente do povo diz que este mundo é uma bola, quando vê ou ouve contar coisas como estas que eu conto, todas muito verdadeiras, mas parecendo mentiras.

L. A. Palmeirim.

TYPOS LISBONENSES

RETRATOS Á PENNA

Uma cabeça revolta e sombria, que parece arrancada a uma tela de Goya...

Esvoaçam tragedias lugubres em torno d'essa cabeça nubiana, onde os diamantes fuzilam, como estrellas perdidas em ceo brumoso.

A dama, que dispõe de uma riqueza solida, susceptivel de affrontar, sem perigo, successivas e copiosas sangrias, mostra-se frequentemente nos estofos flacidos de boas carruagens de flecha e na luz intensa e rubra de uma primeira ordem de S. Carlos.

Usa toilettes de cores violentas, ao longo das quaes rolam impetuosamente ondas de rendas caras.

Não ri nunca: o sorriso morreu para sempre, como uma flôr a que falta um raio de sol, n'essa bôcca de labios grossos, avincada por uma prega amarga, feita de uma recordação dolorosa...

Não raro, a sua apparição em S. Carlos promove boatos estranhos, transmittidos pelo Chiado aos jornaes, nas columnas dos quaes se lê, de vez em quando:

«Chegou a Lisboa o regulo Quizomba, que vem encarregado de uma mensagem para o governo de Sua Magestade Fidelissima.»

*
* *

A dama possue, além de uma enorme profusão de meias coroas e libras esterlinas, amontoadas em grossas caixas fortes, uma coroa inteira, uma coroa heraldica, que daria um bello engaste diamantino á sua fronte côr de chocolate, se acaso em vez de ter nascido na cidade de granito, onde a aristocracia se contenta modestamente em guardar as corôas nos estojos, ou mesmo em não as guardar em parte alguma, ella houvesse nascido no paiz da *seguidilla*; onde as duquezas e as marquezas põem as corôas no alto da cabeça, exactamente como as rainhas... de opera comica.

A baroneza tem uma legenda mysteriosa, que dá á sua cara, incorrecta e fatal, um relevo soberbamente caracteristico.

Ella, que parece ter sido creada para symbolisar na terra a antithese do amor; ella, que é a sombra e a noute, emquanto que o amor, o doido amor pagão, é a luz e a resplendente aurora; ella tem visto ajoelhados no pó onde se desdobra a cauda do seu vestido, adoradores, que se contam ás duzias... de 13, como as laranjas e os camoezes.

Linguas viperinas affirmam, que não é precisamente a plastica da baroneza o objecto cubiçado pelos olhares ternos e pelos madrigaes lyricos d'essa ala de namorados: que são as caixas fortes, os fetiches, aos pés dos quaes se curvam reverentes os idolatras ..

Um bello dia, a morte, que é irmã da noite, entrou em casa da baroneza e, brutalmente,—a barregã, como lhe chamou Baudelaire—, arrancou-lhe dos braços o esposo.

A dôr da viuva teve uma larga vibração, e uma tão ruidosa evidencia, que Lisboa em peso, attendendo não só ao nome sonoro do defunto, como á respeitavel angustia de Artemisa, enviou-lhe os seus cartões de pezames.

Todas as manhãs, o porteiro do cemiterio via parar um coupé envernisado e preto como um gigantesco corvo, na penunbra do qual se desenhava um perfil de bronze engastado em crepe; e pelas avenidas da cidade dos mortos, juncadas de folhas seccas, debruadas de lousas, povoadas de cyprestes hirtos, ramalhando lugubremente, um vulto deslisava, arrastando uma longa *traine* coberta de crepe e deixando soltar-se ao vento desolado e agudo, que gemia por entre as cruzes algidas enleadas em corôas de perpetuas, um fumo de uma espessura impenetravel. Invariavelmente, o vulto prostrava-se nos degraus de um jazigo, e os frios goivos do sepulchro inundavam-se do ardente pranto da saudade...

De uma vez, os guardas do cemiterio viram entrar um rapaz de estatura meã, cabelleira espessa e cara escanhoada de padre sem tonsura,—antes de verem chegar o coupé.

O rapaz foi ver os tumulos e soletrar os epitaphios.

A' 1 hora, a baroneza caia de joelhos nos degraus do jazigo.

Dez minutos depois, o rapaz de cara escanhoada apertava-lhe a mão.

A viuva levantou-se de golpe, e no meio do *pater* pela alma do defunto, em quanto nas petalas amarellas dos goivos escorregava a ultima lagrima da saudade, abriu os braços ao vivo e offereceu-lhe a face, que elle osculou... sem levantar o fumo.

Decorridos alguns mezes, o coupé envernizado e preto como um corvo, recebia na profunda caricia perfumada e molle do capitonado de seda *gris*, dois noivos palpitantes de amor: a cabeça revolta, coroada de flor de laranja, pendia languidamente para outra cabeça um pouco calva, de suissas espessas, uma cabeça mascula, que não se parecia inteiramente nada com o Romeo do cemiterio...

Uma manhã, a noticia de um suicidio realisado em condições melodramaticas, no seio de uma familia titular, que não costuma alojar esse sinistro hospede, alvorotou Lisboa.

O marido da baroneza desfechára um revolver no ouvido, e caira banhado em sangue, á sombra balsamica dos loendros do seu jardim, no meio dos canteiros affestoados de rosas, dos lagos azues bordados de nenuphares, das estufas guarnecidas de palmeiras e begonias, defronte das salas capitonadas, reluzentes de crystaes, de marmores raros e de bronzes celebres, e a distancia de alguns passos das caixas fortes, poderosas e solitarias no resguardo das suas fechaduras de ferro, como o Moysés de Vigny.

Porque se suicidara o esposo da baroneza?...

Fallou-se, vagamente, de dividas de jogo, em resposta ás quaes as caixas fortes oppozeram um *não* desabrido ..

Outros affirmaram que o suicidio fôra o epilogo de um amor sem esperança, votado pelo infeliz a uma *grande dame* muito conhecida...

A tragedia, porém, ficou sempre envolvida nos veus do mysterio: a prega dos labios da baroneza cavou-se mais funda, o que não obstou que, doze mezes depois, pousasse, pela terceira vez, na sombria cabeça modelada em bronze, uma nivea grinalda de flor de laranja.

GUIOMAR TORREZÃO

AO SOL

Tu sim, tu é que tens d'um deus a essencia...
Reconhece-se a tua divindade
Na branca luz formada de bondade,
Mais bella do que o peito da innocencia.

Teus raios são os raios da existencia,
Espadas da justiça e da verdade,
E n'esse livro azul da immensidade
Es em letras de fogo a Providencia.

Ah! se um dia a materia desvairada,
Perdendo-se em seu proprio cataclismo,
Te congelar a esfera abraseada,

Ha de a terra chorar no teu abysmo
E, quando apalpe a immensidão do nada,
Ha de soltar rugidos de ateismo.

SOUSA VITERBO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A NOVA EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE CAMPINAS (BRAZIL)

O novo templo da cidade de Campinas, que a nossa gravura hoje representa, começou a construir-se em 1827, e só foi ultimado ha quasi dois annos. Occupa a superficie de 2.073 metros quadrados, sendo a planta de fórma rectangular.

A sua largura é de 28m,40, e o seu fundo ou comprimento de 73m.

Grande parte d'esta superficie é consagrada a vastas salas, consistorios, sachristias e escadarias.

A grande nave mede 34m,20 de largura.

A nave transversal é de 28m de comprimento e 8m de largura.

No fundo da egreja acha-se collocada a capella-mór e aos lados da grande nave as capellas do Santissimo Sacramento e do Senhor dos Passos; além d'isso, ha mais quatro altares de cada lado da nave.

Precede a grande nave uma galeria sobre abobadas, com 26m,30 de comprimento sobre 3m,70 de largura.

Aos lados, acham-se situadas 12 salas no rez do chão, das quaes dez para as sachristias e consistorios das diversas confrarias, e duas que servem de vestibulo ás grandes escadarias.

A parte anterior do edificio, que tem 36m de fundo, eleva-se a 20m acima do solo, correspondendo ao segundo plano do frontespicio.

Sobre a galeria da entrada, ao nivel das tribunas, acha-se estabelecida a sala da orchestra.

Tres grandes escadas communicam esta com a nave, sendo a do centro occupada pelo grande orgão.

No segundo plano da fachada acha-se assente o mechanismo do regulador, um dos maiores do imperio.

A fachada, sobre a frente, eleva-se a 59m acima do solo. Tem no seu primeiro plano um corpo de 16m de largura, ornado de columnas jonicas, e coroado de um frontão. Uma grande porta em arco é aberta sobre o eixo, amparando o intercolumnio central, franqueado por duas portas menores.

Os corpos lateraes são ornados de pilastras da mesma ordem, comportando grandes porta-nixos.

Acima das portas corre uma galeria de quadros.

O segundo plano, de ordem corynthia, comporta o mechanismo do relogio, e duas janellas ornadas de balaustrada.

O terceiro plano, destinado aos sinos, tem apenas uma janella sobre a frente; uma pyramide octogonal corôa o edificio e supporta o basamento da cruz.

Todo o edificio é construido de alvenaria e de pedra ordinaria.

Os ornamentos, molduras, etc, são modelados em cimento.

O basamento, porém, portadas e escadarias, são talhados em excellente cantaria.

A decoração interna, relativa aos altares e capellas, é de rara belleza.

As esculpturas, extremamente profusas e delicadas, são trabalhadas sobre madeira de cedro vermelho.

Nos altares principaes, a disposição adoptada é de um perystillo semicircular, coroado de anneis successivos e ricamente trabalhados.

As columnas, o entablamento e as faces apparentes dos altares são sobrecarregados de ornatos de extrema delicadeza. Uma cupula, ornada de caixões, coroa o cruzamento das naves e supporta uma vasta lanterna circular, que assegura a esta parte da egreja a luz indispensavel.

A grande nave é ornada de oito pilastras corynthias, com rico entablamento A arcada do forro é decorada de relevos executados em madeira.

Seis grandes lunetas, á imitação das da egreja de S. Pedro em Roma, illuminam a grande nave.

As esculpturas e a ornamentação d'este templo são prodigiosas de minucia e difficuldades.

Nenhuma flôr ou esculptura é coberta de ouro ou pintada.

O entalhe é apenas revestido de verniz, o que torna bem patente o monumento artistico d'essas delicadas esculpturas, feitas por tres brasileiros, filhos da Bahia, que nunca sahiram do paiz, não cultivaram as artes, nem tiveram mestres.

Estes distinctos esculptores chamavam-se Victoriano dos Anjos, Estevam Proto Martyr e Victoriano dos Anjos Filho.

De 1831 para cá dispenderam-se, na construcção d'este grandioso templo, 1.600:000$000 réis.

LUIZ XIV E A MAINTENON

Representa a nossa estampa um conselho d'estado presidido por Luiz XIV, o *roi soleil*. Assiste ao conselho a celebre favorita, madame de Maintenon. Preside o rei, é verdade, mas quem delibera é ella.

Quem lh'o havia de dizer! Quando pensaria aquella afortunada aventureira no papel importante que a sorte lhe reservava nos destinos da França ? Amiga e confidente da celebre Ninon de Lenclos, o que, de certo, não abona muito o seu recato, esposa do poeta Scarron, protegida de madame de Montespan, quando a morte do pobre paralytico a deixou na viuvez, quem lhe havia de predizer o futuro que a aguardava! Dissimulada e ambiciosa, soube captar as sympathias e a amisade de todos aquelles que rodeavam Scarron, e entre os quaes se contavam não poucas pessoas importantes da côrte, e muitas das mais notaveis nas letras, nas artes e na politica. Ella calculava acertadamente que a podia levar longe o convivio de taes personagens. D'estas relações nasceram outras não menos importantes, e quando o poeta succumbiu aos padecimentos que o affligiam, madame Scarron contava entre as suas amigas madame de Coulanges, madame de La Fayette, madame de Sévigné, e a propria amante do rei, madame de Montespan. E foi justamente a esta que ella deveu maior favor e protecção.

Que importava, porém, isso a madame Scarron? Os seus sonhos de ambição valiam mais. Encarregada pela Montespan da educação dos filhos que esta houvera de Luiz XIV, como correspondeu a aventureira a esta prova de confiança da sua protectora? Roubando-lhe o amante. Desde então, a influencia que ella exerceu no animo do rei, e na politica da França, foi das mais perniciosas. A perseguição dos protestantes, a revogação do edito de Nantes, a emigração de milhares de miseros fugitivos, em tudo teve odiosa parte a successora de La Valliere e da Montespan. Apparentemente alheia aos negocios publicos, era, comtudo, ella que dominava, pela influencia que exercia no animo do seu real amante. Ali, no conselho, como a nossa estampa a representa, ainda que afastada dos ministros e conselheiros, é ella quem delibera, impondo ao rei a sua vontade.

ENTRE FLORES

Entre flores passa a vida, esta formosa castellã da nossa estampa, entretecendo grinaldas de rosas e açucenas, trazendo sempre no regaço um montão de camelias e de violetas, das mais viçosas e das mais gentis.

Ao acordar, o seu primeiro cuidado é para as flores que adora. Pelo dia adiante, aspira-lhes o perfume estonteador, e á noite dorme com ellas na sua pequenina alcova de virgem, sem receio de que as doces companheiras a envenenem.

Por emquanto, não teve outros amores. Se um dia chegar a tel-os, adeus madre-silva bem cheirosa, adeus suavissimas fragrancias da baunilha e da verbena!...

UM TALENTO PRECOCE

Nada mais vivo, mais alegre e buliçoso que uma ninhada de pintainhos! mal sáem da casca, eil-os já ahi andam piando, esgaravatando a terra, e de cabeça erguida e olho accéso procurando a caça. Ao pé de toda aquella animação irrequieta das pequeninas aves, faz rude contraste a figura da mãe, toda desconfianças e sustos, crespa de pennas, e olhando com supremo cuidado, ora para a terra, ora para o céu, com receio de que venha alguem appetecer-lhe o delicado thesouro.

UM TALENTO PRECOCE

Haja qualquer ruido, passe um gato no muro do telhado proximo, ladre um cão, uma sombra que se estenda de subito ao pé dos pintainhos, e logo a mãe chama anciosamente os filhos, e abrigando-os no mais amoroso conchego, agacha-se, abafa a sua voz, une-se, cose-se com a terra e com as pedras onde porventura esteja, de sorte que o inimigo não a veja, e lhe não venha disputar os filhos.

Que sustos e que ancias, que momentos horriveis, quando desamparado no campo, ou nas cumiadas dos montes, os milhafres famintos apertam cada vez mais o circulo do seu vôo em roda da pobre e afflicta mãe, ou quando uma gineta ou um cão de caça goloso e esmaleitado depara com aquelle banquete.

A pobre gallinha defende-se, atira-se com denodo incrivel adeante do perigo, e morre sem se desviar uma linha do limite que o seu grande affecto lhe traçou.

Conta a gente das aldeias façanhas heroicas das gallinhas

deante de inimigos dez vezes maiores e mais valentes que ellas.

Algumas chegam a ser de tal sorte intrepidas, que se lançam ás proprias pessoas em quem ainda ha pouco, antes de incubarem, tinham grande confiança. Outras levam a sua dedicação ao ponto de não quererem alimento, e de se deixarem morrer em cima dos ovos.

São raras, mas ha casos d'estes. As boas donas de casa conhecem-n'as e borrifam-n'as com vinho, e põem-lhes perto do ninho o alimento que mais as captiva, e assim escapam ellas á morte. Creio que a mãe dos pintainhos da nossa estampa não pertence a esta ultima cathegoria.

Ou foi comer no entretanto, ou anda a espojar-se na terra que ella esborôa e espalha com as patas e com a força do bico...

É que não ha perigo. O ninho é abrigado, coberto por um docel de folhas e de flôres silvestres, e afogado por uma relva macia como o velludo... Os pequenitos piam, chamam, têem medo ainda assim.

Mas não ha perigo, se não vel-a-hiamos ali logo de prompto, accudindo aos pequeninos... Está longe e não assiste ao nascimento de um dos filhos. Um dos irmãos do recemnascido é que está, ás bicadas, arrancando-lhe das pernas uns restos de casca... O outro, que está no primeiro plano, e que parece ser o mais velho, e que tem apparencias de mais esperto e vivo, pouco se importa com os processos da improvisada parteira. É filaucioso e arrogante. Dá grandes promessas. Os seus pios fortes e frequentes fazem crer que virá a ser um valente cantor, cuja voz metallica e vibrante accordará mais tarde o echo das campinas e varzeas em redor. — E o maroto não fecha o bico! Talento precoce! Has de dar um bello e intrepido gallo!...

CAÇADA AOS VEADOS

A estampa que hoje publicamos representa uma caçada feita aos veados, com o apparato luxuoso com que, em outras eras, se faziam os exercicios venatorios.

A caçada aos veados, no tempo a que nos referimos, era realisada em harmonia com todas as regras da arte venatoria.

Hoje, não se observa já a mesma etiqueta. Resumiu-se consideravelmente aquella equipagem de officiaes, picadores, homens que cuidavam da matilha e conduziam a caça, criados de cães, etc., etc.

Todos sabem como se fazem agora estas caçadas, o que mostra que é tal a simplicidade d'estes exercicios, que até as pessoas que menos se lhes dedicam os conhecem.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

EM VERSO

Animal é a primeira.-3.
E' a segunda animal.—2.
E o todo (quem diria!)
Não passa d'um vegetal.

Sou medida muito usada.—1.
Tambem sou embarcação.—2.
Esta difficil charada
Ninguem a decifra, não.

Com charadas d'esta sorte
A qualquer eu embaralho,
Por achar um pouco forte
Ter proveito sem trabalho.

Monchique. JOAQUIM ANTONIO DA CUNHA.

(Ao sr. Carmo e Sousa, em retribuição á que me dedicou no n.º 8 d'este semanario, e cuja decifração é ALCOENTRE)

Troque tercia letra, troque,
Mas não troque por vogal,
E verá, depois da troca,
Que é vestimenta uzual—2.

Troque agora a derradeira
Por vogal, deve entender,
Encontrará no que fica
Cousa que em si ha-de ter—2.

Quer conceito? Vou fazel-o,
Porém sem muita clareza;
O todo, não tendo trocas,
Uma villa é, portugueza.

G. CAETANO.

ENIGMATICA

Prima, segunda e terceira,
Sendo irmãs, não são eguaes,
E todas vais encontrar
Entre as notas musicaes.

E com este accorde formas
Musica não! Appellido!
E posso-te asseverar
Ser devéras conhecido.

AUGUSTO CARLOS BAPTISTA.

NOVISSIMAS

Embrulha e tem dinheiro esta povoação portugueza—2—2.
Não é boa aqui e corre para este homem -1—1—2.
Na musica esta propriedade toca—1—2.

AUGUSTO F. SIMÕES BRANDÃO

Dizem que o mineral no homem é peixe—1—1.
Temos este poeta e este charlatão—1—2.
Na lua nota este peixe—1-1.

A. HENRIQUE GOMES.

Este mal é capricho de que Deus nos livre—2—3.

Estremoz. D. NACLYDES.

LOGOGRIPHO

(POR SYLLABAS)

Tira da prima uma letra,
e repete o resto, amigo;
possuil-as bem quizera
para estar sempre comtigo.
Repete as duas que restam
sem mais outra alteração,
verás ave brazileira,
de nenhuma estimação.
Repete de novo a prima,
devendo a final tirar,
não t'a dou, porque creança
não és, que deva mamar.
A tercia repete, emfim,
após vogal da primeira,
que hás de ter incontinente,
uma ave brazileira.
Muitos dizem que me odeiam,
que mesquinha e vil eu sou,
mas... cuidados me procuram
e eu procural-os não vou.

AUGUSTO CARLOS BAPTISTA.

ENIGMA

A VI x

PROBLEMA

Calcular o resto da divisão por 11 do numero $(4362)^{3275}$.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Sapato — Charola — Galantina — Gusano — Minha-minha — Armario — Microbio — Auge — Mela — Zorra

DO ENIGMA MYTHOLOGICO: — Saturno.

DO LOGOGRIPHO: — Camarada

DO ENIGMA EM VERSO: — Vasco.

DO ENIGMA PITTORESCO: — A moeda mais corrente no mundo é o interesse.

DO PROBLEMA: — Os restos são eguaes aos respectivos divisores menos 20; logo, o numero procurado mais 20 deve ser o menor multiplo d'aquelles divisores, o qual é 1755. O numero pedido é, pois, 1755-20=1735.

SURSUM CORDA

(*Fragmento*)

(A Alberto Osorio de Castro)

....

Pois se tudo o que existe está cançado, inerme,
Se a Natureza inteira extenuada, afflicta,
Já não sente bater o sangue na epiderme,
Ó almas sem valor, ó geração maldicta,

Porque é que não ergueis a vossa fronte austera,
Ascendende p'ra Luz,—a vossa eterna mãe ?!
Se é preciso luctar, luctae como uma féra,
Poltrões, tende vergonha, isto é demais tambem !

Pois se a vida não é senão um grande mar
Que nos quer submergir nos grandes vagalhões,
Façamos d'esta vida um magestoso altar,
Elevando até Deus os nossos corações !

Revesti-vos da força immensa do Dever,
Fundi a luz do Bem em lanças de crystal
E vamos em cruzada, unidos, combater
Os filhos de Satan, — Apostolos do Mal !...

Eça de Almeida.

A MUSICA EM PORTUGAL

Presentemente não ha, como a musica, nenhuma outra arte que em Portugal seja cultivada com tanto afferro. Cultivada é modo de dizer, porque a paixão musical, entre nós, converteu-se ha muito n'uma verdadeira monomania, n'uma especie de delirio raivoso, que accommetteu a nossa geração, e que a domina quasi exclusivamente.

Não estamos no seculo das luzes, como por ahi se affirma todos os dias ; estamos, mas é no seculo das fuzas e das colchêas. Os nossos felizes compatriotas, na proporção de oitenta por cento, são de todo analphabetos, mas, em compensação, creio que não chegam a dez por cento os que ignoram que uma semi-breve é egual a duas minimas, quatro seminimas ou oito colchêas, e que um ponto adiante de qualquer d'estas figuras lhe augmenta metade do valor.

Assim, pois, como a chronologia prehistorica classifica os differentes periodos da vida do homem primitivo pelos utensilios que elle ia adoptando para seu uso, d'onde resultam as denominações de edade da pedra, do cobre, do bronze e do ferro ; se, no futuro, identico systema chronologico vier novamente a seguir-se, á nossa epocha, e com relação a Portugal, não poderá caber melhor nenhum outro titulo que não seja — edade da musica.

Nada nos incommoda, nada nos preoccupa vivamente senão a arte sublime de combinar os sons. Que os nossos fundos baixem, que a divida fluctuante cresça, que o phylloxera destrua as vinhas, que a bancarrôta se approxime, que os estrangeiros nos vão empolgando as colonias, que uma epidemia mortifera nos ameace, tudo isso é para o indigena completamente indifferente. Sob o melodioso influxo da arte de Orpheu, elle continua a de iciar-se tranquillamente, á semelhança d'aquella actriz franceza que, quando Moscow ardia em chammas, e os soldados fugiam espavoridos diante de vermelhos clarões do Kremlim, entoava arrebatada uma canção, juntando ao funebre ruido dos edificios que se derrocavam sobre montões de cinzas fumegantes, o timbre harmonioso da sua voz argentina e fresca.

Os philosophos antigos consideravam a musica como arte indispensavel á felicidade dos povos. A razão em que elles se fundavam era, como vão ver, muito simples e ao mesmo tempo muito engenhosa. Segundo elles, sendo a nossa alma essencialmente formada de harmonia — a harmonia intellectual e primitiva das suas faculdades — iste é, aquella que existia quando a alma habitava os céus, antes de vir incarnar-se no nosso corpo, — chegaria a restabelecer-se por meio da harmonia sensual. Por outras palavras, quando toda a gente estivesse bem ao facto das mais minuciosas regras da arte, quando depois, na pratica, todos soubessem fazer vibrar as cordas d'um cavaquinho, soprar n'um trombone ou n'um fagote, e rufar galhardamente n'um tambor ; quando toda a humanidade, emfim, se podesse constituir n'uma grande phylarmonica, uma especie de *Incrivel Universal*, sob a batuta do *supremo maestro*, então o mundo voltaria á primitiva harmonia biblica, e tornariamos a gozar as delicias que nossos primeiros paes disfructaram no paraiso, quando, na completa innocencia que precedeu o peccado original, nem sequer sabiam tocar berimbau !

Mas o que hoje presenciamos desacredita completamente a theoria d'esses velhos sabios, e faz descrer da influencia da musica na harmonia das coisas mundanas.

Effectivamente, o que vemos nós ?

Na vida particular maridos que afinam admiravelmente com as respectivas consortes n'um *duetto* do *Trovador* ou do *Barbeiro*, em quanto ellas lhes acompanham dolentemente, ao piano, os seus devaneios artisticos no violoncello ou na rebeca, desafinarem de um modo horrivel nas coisas intimas do *ménage*, a ponto de não haver diapasão que os restabeleça ao doce alamiré da cordura e do amor conjugal ; na vida publica politicos que são ás vezes excellentes musicos nas phylarmonicas a que pertencem, que nunca em sua vida deram uma fifia ou deixaram de entrar a tempo n'um compasso, guilhotinarem no gume das suas gargantas anonymas, ou martyrisarem nos bicos das suas pennas insidiosas, o brio e a dignidade dos seus adversarios, e o credito e o decoro da nação.

Oh ! musica ! oh ! sublime arte ! Ou tu perdeste de todo a tua influencia benefica, ou essa influencia nunca passou de um mytho. Os antigos sabios que te julgavam um poderoso excitante á pratica de acções louvaveis e um meio seguro de inflammar os corações no santo amor da virtude, laboravam n'um erro, a que tu perfidamente os arrastaste com as tuas cariciosas melodias. O nosso seculo não póde crer na cithara de Amphion ; só acredita na trombeta de Jerichó ; incredula no que respeita aos effeitos miraculosos da harpa de David, que acalmava a loucura de Saul, só acredita na lyra de Thyrteu, que arrastava os lacedemonios á loucura sanguinolenta dos combates.

Tu já não pódes ser considerada como a sciencia da ordem e da harmonia, como a suprema reguladora dos bons costumes. Os gozos puros e ineffaveis, que tu proporcionas, já não conseguem affastar das tentações peccaminosas a fragillissima humanidade. Pelo contrario. Tu propria dás muitas vezes ensejo a que o demonio da tentação se vá assolapar em almas que, sem ti, se conservariam immaculadamente puras.

Exemplifiquemos.

A esposa apaixonada de musica prefere muitas vezes tocar em *duetto* a tocar a *solo*, e, se acontece o marido não ser tambem um *virtuose*, o que é muito possivel, ha fatalmente a necessidade de arranjar uma rebeca, um oboé, uma flauta ou qualquer outro instrumento, que por força hade ser acompanhado do respectivo tocador. Ora, os amadores de musica são todos creaturas sentimentaes, naturezas excessivamente inflammaveis, e além d'isso a musica, com as suas melodias ora gementes ora festivaes, mergulha os espiritos n'uma especie de torpôr voluptuoso, e aquece no fogo do enthusiasmo as almas apaixonadas e ternas. D'ahi, como a carne é fragil e *la donna e mobile*, varios perigos resultam para a tranquillidade domestica, perigos que eu julgo desnecessario mencionar...

Mas não são estes os maiores inconvenientes da paixão musical, que hoje domina, sem excepção, todas as classes da sociedade. Outras ha, sem duvida, de effeitos muito mais perniciosos.

O excesso de musica que por ahi se perpetra a toda a hora do dia a da noite, constituiu-se n'um verdadeiro attentado contra a segurança individual. Quasi sempre é uma musica selvagem, musica barbara e damninha, que sem contemplações com os nossos pobres ouvidos, calumnia e insulta todos os reportorios e todos os maestros, no meio de uma salsada medonha, d'um borborinho atroador, em que estrepitam as detonações e os guinchos.

Diz-se que José Estevão considerava a musica «um barulho com pretensões.» Isto faz-me crer que o ardente e apaixonado caudilho da democracia portugueza, o fogoso orador que na tribuna parlamentar foi um athleta da liberdade e um apostolo da justiça, nunca ouviu senão essa musica assassina e perversa que estrangula as mais suaves composições italianas e allemãs. Sendo assim, a opinião do eloquente tribuno está perfeitamente justificada. Tal musica, effectivamente, não passa de simples barulho, muito mais intoleravel e muito mais nocivo, sem duvida, do que o produzido nas officinas de serralheiro ou de caldeireiro. Este, apesar de incommodo, tolera-o a gente com resignação, porque se lembra que é o ruido do trabalho, o ruido do progresso, o ruido da civilisação, ao passo que o outro é o barulho da vaidade, o barulho da ostentação vã, das pretensões ridiculas, barulho, emfim, produzido pela ausencia de senso moral e pela falta de occupação proveitosa.

Já houve um escriptor que sustentou que a musica devia a sua origem mais ao furor do que ao amor, e que essa arte talvez fosse ignorada se o homem não houvesse sentido a necessidade de inventar qualquer coisa que lhe excitasse o odio e a colera.

De facto, nada mais adequado para provocar estes ruins sentimentos do que a musica, quando ella é da força da que por ahi nos ministram, especie de pôtro inquisitorial, onde se maceram, torturam e desconjunctam as mais inspiradas producções do genio da harmonia.

N'esta horrivel hecatombe musical a que assistimos, o piano é o principal criminoso, aquelle que mais nos incommoda e tortura com a sua maldade inconsciente. Tendo usurpado o logar do tradicional *cravo* onde as nossas avós arranhavam o minuete insipido ou a gavota somnolenta; tendo proscripto a guitarra, a sonhadora guitarra da tradição romantica e das serenatas sentimentaes, o piano foi alargando successivamente os seus dominios e arrogando-se cada vez maior importancia; de modo que hoje, desde os cafés suspeitos até ás salas modestas da burguezia, desde as barracas de feira até aos luxuosos salões aristocraticos, é elle quasi exclusivamente o preferido, e é elle o que

mais contribue para a reputação lyrica das meninas que aspiram ao qualificativo de prendadas.

Em seguida ao piano vêm as phylarmonicas, verdadeiras quadrilhas de scelerados musicaes, professando um despreso irreverente pela afinação; depois, o realejo, que na sua vida errante se faz ouvir por toda a parte, produzindo musicas mechanicamente, com a rotina estupida de um automato; seguem-se os cantores e os concertistas ambulantes, os *virtuosis* da praça publica; e, como se tudo isto ainda não bastasse, temos tambem o sineiro, outro malvado que nos flagella os timpanos durante horas successivas, badalando com uma persistencia horrivelmente diabolica.

Sômos um povo atacado de verdadeira hydrophobia musical. Mery chamou á Italia o conservatorio de Deus; a Portugal póde chamar-se o conservatorio do diabo. Todos tocam, todos cantam e assim vamos vivendo, despreoccupados e alegres, realisando perfeitamente a fabula da cigarra. Oxalá que, chegado um dia o momento critico, não encontremos apenas alguma formiga previdente e egoista, que nos diga: *Cantaram? Pois agora dansem.*

MAGALHÃES FONSECA.

A CAÇADA AOS VEADOS

Um conselho por semana

Apagam-se 15 kilogrammas de cal em 20 de agua, mistura-se a massa com 10 kilogrammas de cautchu, e agita-se. Deitam-se depois 50 kilogrammas de verniz de oleo de linhaça fervente. Resulta uma massa de consistencia pastosa, que convém ser applicada aos objectos, que se queiram envernizar, quando ainda quente.

A RIR

Entre banqueiros:

—Você sabe? A situação financei ra de meu filho inquieta-me!

—Sim? Então porque?

—Está sem vintem, e em vesperas d'uma quarta fallencia.

—D'uma quarta fallencia?! Quebrar quatro vezes, e não ser ainda millionario?!... N'esse caso tem você razão; seu filho é um homem perdido.

*

Falla-se da questão das ilhas Carolinas e perguntase ao sr A:

—Qual é a sua opinião a este respeito?

Meu caro, fique sabendo que tenho por costume não me intrometter em questões de mulheres.

*

Um bohemio, que nunca viu duas libras juntas senão nas bolsas alheias ou nos balcões dos cambistas, insurgese contra a religião christã e diz:

—Nunca hei de perdoar a Christo!

—Porque?!

—Porque, se elle não tivesse vindo ao mundo, eu seria talvez judeu; e se fosse judeu, havia de ter dinheiro, por força.

*

Dizia-nos hontem um parisiense espirituosissimo, nosso hospede, fallando dos dois arrojados exploradores:

—Eu, no logar dos portuguezes, em vez de acclamar enthusiasticamente Capello e Ivens, chamava-os a uma policia correccional.

—Porquê? objectamos nós, preadivinhando um bom dito.

Porque fez, lá pela Africa central concorrencia aos inglezes libidinosos de que falla a *Pall Mal Gazette* procurando só descobrir *terrenos virgens*!...

*

Scena de amor filial:

Um homem coberto de andrajos encontra uma elegante semi-mundana.

—Que luxo! diz o andrajoso. E não tens vergonha de que teu pae ande n'este estado?

—Tanto me envergonho, que faço todo o possivel para o não encontrar! Mas creia que assim que tiver quem me pague outro fato, dou-lhe este que agora trago.

*

Outra semi-mundana dizia com commoção, fallando de uma sua amiga:

—E' uma santa e uma martyr! Nunca teve mais do que um amante... que, de mais a mais, lhe batia!

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa